

MODERNIZAÇÃO E VIDA URBANA NA CIDADE DE SANTO ANTONIO DE JESUS – BA

Edinelia M. Oliveira Souza &
Edilma Oliveira Souza
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
edinehisto@yahoo.com.br

soedilma@hotmail.com

Modernização e vida urbana na cidade de Santo Antonio de Jesus – Ba (Resumo)

Apoiado no cruzamento das memórias inscritas na oralidade, na imprensa, nos documentos oficiais e na fotografia, este trabalho tem por objetivo refletir sobre o cenário urbano no contexto do advento das redes técnicas, em particular sobre os sentidos e significados vividos na cidade de Santo Antonio de Jesus (Bahia, Brasil). Tomamos por base as iniciativas historiográficas que atualmente se esforçam em compreender/analisar as complexidades inerentes ao processo de urbanização em cidades de porte médio do interior do Brasil, bem como as interações e inter-relações entre as práticas sociais urbanas e rurais que permearam tal experiência.

Palavras - chave: Eletricidade; Urbanização; Modernização; Santo Antonio de Jesus.

Modernization and urban life in Santo Antonio de Jesus – Ba (Abstract)

Supported at the crossroads of memories placed on orality, on the press, in official documents and in the photographs, the goal of this work is to reflect on the urban landscape in the context of the advent of technical networks, in particular on the meanings which people lived in the city of San Antonio Jesus (Bahia, Brazil). It relies on the contemporary initiatives of historiographical endeavor to comprehend / analyze the complexities inherent in the process of urbanization in mid-sized cities in the interior of Brazil, as well as the interactions and interrelationships between social urban and rural practices which permeated this experience.

Key - words: electricity, modernization, urbanization, Santo Antonio de Jesus (city).

Introdução

No final do século XIX, a partir dos cenários inaugurados pela abolição da escravidão e pela proclamação da República no Brasil, a Bahia viveria uma conjuntura de incertezas políticas e dificuldades econômicas. Nesse contexto, o seu Recôncavo, região de grande dinamismo desde os tempos coloniais, gradativamente passara a ocupar uma posição periférica nos processos que então marcariam a vida nacional. Nos meios intelectuais havia o pessimismo necessário ao reforço dessa crise, propiciando debates em torno de projetos de modernização do território.

Na área chamada Recôncavo sul está localizado o município de Santo Antonio de Jesus, cuja formação histórica foi marcada pela presença da economia de subsistência, além da produção de fumo, café, farinha de mandioca e materiais de construção que abasteciam a cidade de Salvador. Inicialmente o processo de urbanização na localidade esteve relacionado ao desenvolvimento dos meios de transportes (data do final do século XIX, a presença da linha férrea, facilitando o acesso à capital), ampliado posteriormente com a chegada da eletrificação no final dos anos 1940.

Viabilizada pela construção da Companhia Hidroelétrica de São Francisco (CHESF), a energia elétrica possibilitou a extensão do serviço para todo o Estado da Bahia. Em Santo Antonio de Jesus tal serviço se concretizaria de forma mais definitiva na década de 1960, redimensionando hábitos e costumes do viver urbano.

O Recôncavo Baiano e a urbanização

Na década de 1950, Milton Santos definiu o Recôncavo Baiano como “uma região de vida urbana notável e ao mesmo tempo onde as densidades rurais atingem índices bem elevados, os mais altos do estado”.¹ Ao mesmo tempo, o geógrafo identificou uma fase de grandes modificações na hierarquia dos núcleos urbanos da região, cujos agentes das mudanças seriam a superposição de uma rede de estradas de rodagem aos antigos caminhos e ferrovias; a complementação de uma verdadeira rede de estradas de ferro; o agravamento da decadência das lavouras de fumo e cana-de-açúcar e o crescimento da cidade de Salvador, acompanhado da elevação dos seus padrões de vida, exigindo um abastecimento mais numeroso e animando o desenvolvimento de novas regiões de produção alimentar.

O Recôncavo Baiano constituía um “complexo regional”, cuja unidade “provinha das relações mantidas de longa data entre suas várias porções com vocações e atividades diferentes”,² coordenados pela cidade de Salvador. A diversidade identificada na região representa um grande conjunto composto por “porções diferenciadas, que, apesar de se integrarem, dão-lhe um caráter multifacetado”, através dos “pequenos recôncavos”: o canavieiro, o fumageiro, o mandioqueiro e da subsistência, o da pesca, o ceramista.³ O município de Santo Antonio de Jesus está localizado na “porção” hoje denominada de Recôncavo Sul, uma das mais tradicionais áreas de ocupação e colonização do território brasileiro, que teve sua formação histórica marcada pelo desenvolvimento de uma economia de subsistência, associada a uma economia de mercado de produtos que abasteciam a cidade de Salvador, como a farinha de mandioca, o fumo e materiais de construção.

Desde o final do século XIX, essa “porção” do Recôncavo Baiano, além de vivenciar a efervescência das feiras locais e de contribuir com o provimento da cidade de Salvador, mantinha relações com mercados externos, “através de pequenas exportações de artigos como fumo, açúcar, café, minérios, madeira, cacau, couro, etc”.⁴ O crescimento urbano na região dinamizou-se, portanto, a partir do entrecruzamento de sua história com o desenvolvimento dos sistemas de comunicação e transporte ferroviário e, posteriormente, com o transporte rodoviário e a eletrificação.

Havia a presença da linha férrea, que ligava Santo Antonio de Jesus à cidade de Nazaré das Farinhas, estendendo-se, mais tarde, ao distrito de São Roque do Paraguaçu, no município de Maragogipe, dando acesso à capital. Inaugurada festivamente em 07 de setembro de 1880 a *Tram-Road*, depois denominada Estrada de Ferro de Nazaré,

possibilitaria o tráfego definitivo entre as duas cidades, prolongando-se seus trilhos até alcançarem a cidade de Jequié.⁵

A partir da inauguração da *Tram-Road*, o município de Santo Antonio de Jesus passou a integrar uma expressiva rede de comércio e de passageiros, fora da área de influência da Estrada de Ferro Central da Bahia,⁶ o que o tornava um importante centro de convergência e circulação de pessoas, com vistas a atender às mais diversas necessidades, além do escoamento de produtos. Durante os dez anos em que Santo Antonio de Jesus foi ponta de trilhos, a estrada trouxe prosperidade para o município, que em pouco tempo tornou-se um dos principais centros comerciais da redondeza.⁷

Anunciados nos discursos e projetos da política nacional/desenvolvimentista, o planejamento econômico e seus ideais de progresso, desenvolvimento e modernização se materializavam no Recôncavo da Bahia, em meados do século XX. Relacionavam-se, sobretudo, ao processo de implementação da indústria petrolífera, da construção das rodovias, além de outras realizações financiadas por instituições estatais como a SUDENE Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e o Banco do Nordeste do Brasil (BNB).⁸

A implementação do sistema de transporte rodoviário, a partir dos anos 1940, configurou novos circuitos comerciais e de comunicações. Tal processo favoreceu Santo Antonio de Jesus pela sua localização geográfica e sua posição estratégica na malha rodoviária construída. Com a ampliação da oferta de serviços urbanos, o município alcançou um relevante crescimento urbano ao logo da década seguinte. Aos poucos a cidade tornou-se polo de atração comercial e de serviços, ampliando significativamente sua população, com uma forte presença de migrantes do campo de toda a microrregião. A respeito da sua localização, visualizemos o mapa abaixo:



Figura 1: Localização de Santo Antonio de Jesus – Recôncavo Sul da Bahia

Fonte: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.

Acompanhando o leito da antiga ferrovia, a rodovia construída entre Nazaré e Varzedo cruza a BR 101, justamente na cidade de Santo Antonio de Jesus. Para lá passam a convergir as atenções de uma vasta quantidade de municípios. Ao mesmo tempo, algumas iniciativas, sobretudo implementadas pelo poder público local, começaram a ganhar vulto, visando criar um aspecto mais urbano, mais afinado com as representações das metrópoles modernas. Em geral, as reformas então adotadas, sintonizadas com os discursos e ideais desenvolvimentistas, não consideravam o antigo como algo que devesse ser conservado. Assim, o “velho” passava a ser substituído pelo “novo” de uma forma agressiva, representando um processo de “destruição criativa”, segundo o qual, acreditava-se que seria necessário “destruir o existente para a construção de um novo mundo”.⁹ Ao longo do século XX, muitas cidades brasileiras vivenciaram efetivamente essa perspectiva da experiência civilizadora, como ação destruidora, em que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete (...) autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.¹⁰ Ainda que em Santo Antonio de Jesus esse espírito de modernidade possa ter motivado alguns projetos do poder público local, a cidade carregava sua própria temporalidade.

No final dos anos 1940, o clima de expectativa criado pela iniciativa estatal e pela mobilização social em prol das atividades petrolíferas no Recôncavo, a chegada da energia elétrica - viabilizada pela construção da CHESF, somados aos efeitos da política desenvolvimentista, como a ampliação da malha ferroviária e a progressiva abertura de rodovias, foram acompanhados com grande euforia pela imprensa e pela intelectualidade baianas, contrastando com a tese do “enigma baiano”¹¹ até então predominante.

De que forma seus moradores incorporaram e se identificaram com esse ambiente de mudanças, sobretudo provocado pela chegada da eletricidade na cidade é o que veremos adiante.

Eletricidade – símbolo de urbanização e modernidade

Voltamos hoje, num êxtase de contentamento, a informar ao público – que em entrevista ao nosso diretor com sua Excia. o Sr. Prefeito, foi-nos por este assegurado, que, em face do seu entendimento em dias da semana finda, com a direção da Cia de Energia da Bahia, dentro de poucos meses teremos a nossa cidade servida por aquela grande e poderosa empresa de eletricidade do norte do país.

(...) Consignamos, pois, esta auspiciosa notícia, levando ao povo os nossos parabéns pela era de eletricidade, no despontar feliz de seus raios brilhantes, trazendo aos santoantonienses um complexo de grandezas, para maior conforto dos nossos labores, elegância das nossas ruas e maiores possibilidades à indústria, ao comércio desta gleba tão justamente elogiada por quantos a visitam.

(A Luz – Nova Era de Progresso. *O Palladio*, 21 de março de 1949)

Deslumbramento e euforia popular marcaram o aparecimento da eletricidade, tida como a representação do moderno, do futuro e do progresso. Um fenômeno que foi acompanhado pela transformação de hábitos, comportamentos e costumes, desdobramentos das inovações tecnológicas em curso. As novas máquinas e utensílios elétricos, aos poucos, ofereceram maior segurança e conforto às pessoas, com reflexos sobre quase todos os aspectos do cotidiano, inerentes à vida social e doméstica, incluindo o lazer, o trabalho, a saúde, a alimentação. Além da iluminação propriamente dita – pública ou doméstica –, e dos meios de transporte, a energia elétrica embasava e tornava possível a proliferação do uso de eletrodomésticos e o desenvolvimento dos principais meios de comunicação, como o telégrafo, o telefone e o rádio. Portanto, fica evidente que “nenhuma outra energia foi capaz de conjugar de forma tão eficiente múltiplas funções como a eletricidade, tornando acessível uma gama nunca vista de novas técnicas e de novos produtos”.¹²

De acordo com o historiador Cid Teixeira, “a cidade de Salvador conheceu a energia elétrica em 1885”¹³, através da experiência feita por um professor da Faculdade de Medicina que utilizou pilhas e iluminou, por algumas horas, os cômodos e a área fronteira do prédio da Escola do Terreiro, causando espanto aos alunos e ao povo aglomerado na rua. Com a expectativa criada na população, aumentava a pressão sobre o poder público para que fosse instalada a energia elétrica servindo na iluminação pública e privada e nos transportes da capital.

A eletricidade chegaria às cidades do interior em um ritmo muito mais lento. Em outubro de 1920, foi inaugurada a Usina Hidroelétrica de Bananeiras em Paulo Afonso. Mas foi somente com a CHESF, criada em 1945 e constituída em 1948, tendo como missão produzir, transmitir e comercializar energia elétrica para a Região Nordeste, que se estendeu o serviço para todo o Estado da Bahia, através de um programa de eletrificação, que não se deu ao mesmo tempo para todo o Estado.¹⁴

Em meio às obras de infraestrutura para a implantação de centros industriais no Recôncavo, os anos 1950 ficariam marcados pela crise energética, provocada pelo aumento de consumo, causado pela conjugação dos processos de ampliação da urbanização e de industrialização que, conseqüentemente, ampliaram a difusão dos bens de consumo duráveis, que precisavam de eletricidade para funcionar.

Em 1960, foi aprovado o Plano de Eletrificação do Estado da Bahia, elaborado pelo Departamento de Energia da Secretaria de Viação e Obras Públicas, executado por intermédio da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA), que garantia a destinação, durante dez anos, de pelo menos 5% da renda tributária do Estado para a sua execução.¹⁵ Para entender o processo que envolveu a chegada da energia elétrica em Santo Antonio de Jesus, faz-se necessário recuar algumas décadas no tempo.

A energia elétrica e a alteração de comportamentos e costumes em uma cidade baiana

Em 1925 a cidade de Santo Antonio de Jesus passou a usufruir os serviços precários de luz e força, fornecidos pela Empresa Fabril S/A do vizinho Nazaré das Farinhas. Antes, a iluminação da cidade era feita por meio de lampiões a gás. Em 1929, a prefeitura adquiriu um motor de fabricação alemã, com capacidade de 200 kVA, que funcionava a óleo diesel e inaugurou uma usina termoelétrica em que era usado um gerador que funcionava das 18:00 às 22:00 horas. Entretanto, isso apenas garantiu pequenos melhoramentos ao serviço. Nos anos que se seguem, o fornecimento da

energia na cidade continuava irregular, sujeito a frequentes apagões e constantes interrupções para reparos. A situação era frequentemente denunciada em jornais locais, além de ser tema central dos discursos e promessas dos políticos do município.

O cenário urbano de Santo Antonio de Jesus, particularmente na década de 1950, passou por significativas remodelações no contexto do seu processo de urbanização, buscando substituir o que era tido como antigo pelos símbolos do moderno. A energia elétrica, símbolo marcante da urbanização, que durante longas décadas fora apenas um sonho acalentado pela população, tornava-se um assunto de primeira hora.

Nesse período a cidade constituía-se de 62 logradouros, dos quais 15 eram pavimentados e 32 possuíam luz elétrica.¹⁶ Com a instalação de uma máquina a vapor, na Usina Geradora da Empresa Luz e Força, o serviço de energia elétrica pública e particular ultrapassou os limites do centro da cidade e estendeu-se a ruas e bairros mais afastados, como o São Benedito, a Avenida Luiz Viana, as ruas das Queimadas e Expedicionário. Ainda nessa década, o serviço de iluminação pública foi ampliado até as 5: 00 horas da manhã, dobrando assim o trabalho desempenhado pelos funcionários da referida empresa.¹⁷

Desde a década de 1930, *O Palladio*, periódico local que circulava desde o final do século XIX, já dedicava algumas notas ao assunto. Mas foi, sobretudo a partir das décadas de 1940 e 1950, com a construção da CHESF e o início das obras de eletrificação urbana no Recôncavo, que a falta da eletricidade e os “limites” que ela impunha à vida urbana tornaram-se temas recorrentes, tanto na imprensa como nos discursos dos políticos santoantonienses.

Em fevereiro de 1949, após entrevista com o prefeito Antonio Fraga, *O Palladio* informava à população a respeito de estudos realizados por técnicos sobre as condições, necessidades e providências que estavam sendo tomadas para a implantação definitiva da energia elétrica na Terra das Palmeiras.¹⁸ No mês seguinte, anunciava uma “Nova Era de Progresso”, que seria representada pela chegada da luz em Santo Antonio de Jesus, com a construção da estação “Energia das Bananeiras”.¹⁹ A nota dava conta da Lei Municipal criada em 14 de fevereiro de 1949 que autorizava a prefeitura a contrair um empréstimo de quantia avultada com o Banco Econômico da Bahia, para a aquisição e instalação do material necessário na montagem do serviço, no município.



Figura 2 – Praça Padre Matheus (Igreja matriz e o mercado da feira livre na década de 50)
Fotografia de Pedro Carmelito – 1957, cedida pelo IBGE-DERE/NE I)

O advento da energia elétrica aparece como um divisor de águas na trajetória do crescimento de Santo Antonio de Jesus. Marca o início de uma nova fase da cidade, pois, além de possibilitar à iniciativa privada o investimento em pequenas indústrias e fortalecer o comércio que já era um dos mais movimentados da região, condicionou modificações decisivas de cenário, de práticas sociais e de hábitos santoantonienses.

Como ainda não havia o temor da violência nos moldes da atualidade, era possível caminhar, correr, brincar até mais tarde, sem os percalços da escuridão. Todavia, se a energia elétrica, por um lado, trouxe a liberdade de percorrer as ruas à noite, mais tarde seria responsabilizada por exercer uma forma de controle social, uma vez que, diante de tanta claridade, todos estavam expostos aos olhares alheios. Assim, o jeito de se vestir, o andar, as paqueras não passavam despercebidos diante de tanta luminosidade. O simples ato de ir ao jardim à noite ou dar uma voltinha na praça passava a exigir uma forma de se apresentar e de se comportar.

Essa nova cidade, cada dia mais atraente, passava a ter uma população cada vez maior. Portanto, a ampliação e a redefinição dos seus espaços tornaram-se imperativas. Data de 1960, um decreto que estabelecia alterações nos limites das zonas urbanas e suburbanas do município.²⁰ Vale ressaltar que a população urbana havia aumentado de 11.839 na década de 1950, para 15.489, na década de 1960,²¹ por ter recebido um expressivo contingente populacional vindo da zona rural e principalmente de cidades vizinhas, sonhando em melhorar de vida e obter mais conforto na próspera Santo Antonio de Jesus.

A chegada da energia elétrica às ruas foi marcada por festividades. Assim rememora o Sr. José Souza Sampaio, popularmente conhecido por Zé de Candu, que mora na cidade desde que nasceu:

Quando a luz iluminou isso aqui, parecia um carnaval, saiu todo mundo das casas. Cada um pras suas ruas, quer dizer era as ruas do São Benedito, era Andaiá, era rua assim mais próxima. (...) E aí foi uma festa, esse pessoal manheceu o dia, manheceu o dia ali, nunca tinha visto uma boniteza daquela.²²

Nas grandes cidades brasileiras, antes da ampliação da iluminação, as ruas eram caracterizadas, nos discursos de médicos, autoridades públicas e policiais, como lugares de perigo, insalubridade, violência e insegurança. Elas só teriam assumido efetivamente a função de locais de reunião, após a eletricidade, quando se consolidou uma relação entre segurança e iluminação noturna. Em Santo Antonio de Jesus, em meados do século XX, ainda não era a violência que afastava os moradores das ruas à noite e os levava a recolherem-se cedo e sim a falta de opção de lazer público e algumas crenças sobrenaturais, geralmente associadas à noite e à escuridão. Através da memória oral dos entrevistados, percebe-se que o medo noturno, naquele momento, relacionava-se muito mais às lendas, superstições e histórias de assombração que habitavam o universo mental, integrando o conjunto de crenças e costumes locais. O lobisomem, a mula sem cabeça, as visagens que são assombrações ou almas penadas, faziam parte desse universo sobrenatural, nas noites escuras dos santoantonienses. Portanto, as mudanças nos códigos culturais, proporcionadas pela eletricidade, refletiram-se também na superação dos supostos perigos que a noite representava e a vida noturna “começava a crescer na proporção em que se intensificava a expansão da iluminação elétrica, promovendo progressivamente a ocupação popular do espaço público”.²³

No bojo de tais mudanças, a utilização do tempo noturno ganhava novos significados. Aos poucos se superava o costume de dormir “na boca da noite”. As ruas e praças iluminadas permitiam que as reuniões, os bate-papos e as paqueras se estendessem até mais tarde nos jardins; as sessões de cinema ampliaram-se. Nesse sentido, a luz artificial permitiu também, “escapar à dominação do ritmo dos dias e das noites, aos comandos do calendário”, na medida em que as atividades noturnas passavam a depender cada vez mais “da artificialidade e da nova codificação da luz”.²⁴ A lógica do tempo e do espaço passava a ser alterada com o processo de urbanização, criando outras lógicas, outro ritmo de organização e utilização do tempo/espaço em que já era possível, por exemplo, trabalhar ou divertir-se à noite, nas ruas, em casa ou em outros espaços de lazer. Tais dimensões são aqui compreendidas não com um sentido único e objetivo, mas como conceitos que são criados necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social. Na sua reflexão sobre a experiência do tempo e do espaço, Harvey percebe a importância destes, como mediadores, entre o dinamismo do desenvolvimento histórico-geográfico do capitalismo e complexos processos de produção cultural e transformação ideológica.²⁵

Sr. Zé de Candu assim nos relatou seu primeiro contato com a cidade iluminada: “eu corri a cidade de ponta a ponta. Eu ainda era menino e fiquei fascinado com aquele clarão todo, acostumado a ver só escuridão. Corri feito um louco por todas as ruas que tinham luz”.²⁶ Fascinado com o brilho das luzes, provavelmente experimentava também uma maior sensação de liberdade; poderia desfrutar por mais tempo o espaço da rua, agora ampliado com outras opções de lazer.

As possibilidades geradas com a introdução dessa nova forma de energia provocam reflexões sobre o papel por ela desempenhado na vida social cotidiana. Que significados simbólicos a conquista da luz elétrica assumiu, na mudança de hábitos e de práticas sociais, tanto públicas quanto privadas, na cidade de Santo Antonio de Jesus?

Arco Íris noturno: tempos de luz na cidade de Santo Antonio de Jesus

Preocupações relativas à circulação e à remodelação do espaço público, concretizadas através de obras públicas, encurtavam o tempo e as distâncias, permitindo a aceleração da vida social e o trânsito maior das pessoas em espaços diversos. Entretanto, de acordo com as falas dos depoentes, isto não se fez sentir simultaneamente em todas as áreas da cidade, nem foi experimentado de forma homogênea por todos os seus habitantes. Algumas ruas tornavam-se mais atraentes e sedutoras com as luzes; firmavam sua função principal de via de circulação e lugar de reunião, o que reforçava a exigência de regulamentações e melhorias. Ao mesmo tempo os responsáveis pelos projetos de modernização urbana buscavam excluir ou afastar das áreas centrais atividades incompatíveis com esse processo, como por exemplo, o comércio informal dos ambulantes, a figura dos aguadeiros, a presença de animais e pedintes, vistas muitas vezes como desorganizadoras da cidade.

Para garantir rapidez e racionalidade na reapropriação e ressignificação dos espaços, recorreu-se à pavimentação, aos alargamentos, à iluminação, à limpeza e ao afastamento dos despossuídos das áreas centrais, pois sujeira, doença e miséria não cabiam na cidade que se urbanizava. Foi nesse processo que ocorreu a ampliação de bairros considerados periféricos e desprovidos de assistência dos poderes públicos. A imagem apresentada a seguir testemunha melhoramentos realizados nas proximidades centrais da cidade.



Figura 3: Fotografia da Travessa Rio Branco, atual Travessa 15 de novembro.
Arquivo pessoal de Sr. Edivaldo Oliveira Souza.

A fisionomia do logradouro em destaque reúne alguns melhoramentos urbanos, como a presença de calçamento, limpeza, passeios, meios-fios e, sobretudo, postes de energia elétrica, que nos horários de funcionamento, iluminavam as ruas, acentuando, ainda mais, tais características. Além de ser o local de trabalho dos vendedores ambulantes, lugar de passagem dos transeuntes nos seus deslocamentos cotidianos, as ruas eram também espaços de lazer e de sociabilidade; local do encontro, dos parques, das festas, procissões, quermesses, micaretas e comícios. Esses eventos reuniam grande parte da população e eram frequentemente divulgados nos periódicos locais *O Palladio*, *A Voz das Palmeiras* e *O Detetive*.

No comício do Partido Republicano santoantonense, que apresentou Antonio Fraga - candidato à Câmara dos Deputados, e Justiniano Rocha Galvão – candidato a prefeito do município, em 1950, a Praça Padre Matheus ficou repleta de pessoas; tanto no coreto, onde estava a diretoria do partido, como em toda adjacência da praça, havia abundância de luz e entusiasmo prolongando-se até a meia noite.²⁷ Era nas principais ruas, como a Praça Luiz Viana, a Rua Silva Jardim, a Rua 15 de Novembro, a Rua Sete de Setembro, entre outras, que aconteciam desfiles em comemoração a datas cívicas, caminhadas e procissões religiosas, sempre acompanhadas pelas filarmônicas locais Amantes da Lira e Carlos Gomes.

Pari passu a essas múltiplas novidades urbanas, experimentadas em Santo Antonio de Jesus, as ruas mudavam a sua aparência com a expansão da iluminação pública, a conservação de logradouros, os serviços de calçamento e pavimentação.

Antigamente a Rua do Pau Preto [atual Expedicionário] não reguiava. Ninguém lhe falava no nome. Imundície, águas estagnadas aqui e ali, casebres sem forma nem estilo, enfim figurava como a via pública da cidade mais desprezível. Hoje é uma artéria urbana limpa, com prédios bem regulares, habitados por famílias, com um aterro ótimo, bem executado, oferecendo assim, um aspecto decididamente agradável.²⁸

Múltiplos significados eram atribuídos à rua, que se tornava um espaço democrático e precisava ser “civilizado” para proporcionar novas áreas e

estabelecimentos voltados para o lazer público. O jardim era o lugar preferido pelos mais moços que, após o dia de trabalho, reuniam-se para os bate-papos e as paqueras até às 10:00 horas da noite, quando o serviço de iluminação era desligado. Na praça, também eram armados os parques de diversões que, com suas luzes coloridas a piscar, atraíam as crianças para brincar no carrossel, na roda gigante e reunia a população em busca de distrações.

Ocasão de grande animação era a Festa de São Benedito, rememorada pelos moradores entrevistados como uma das melhores da cidade. Antes da chegada da energia elétrica, os moradores do bairro improvisavam uma iluminação feita com varas e brotos de bambu abastecidos de querosene. Essa iluminação clareava o Largo de São Benedito durante toda a noite e mantinha as pessoas na rua até o amanhecer. Além da face intensamente religiosa, com a procissão e as missas, no largo ficavam as barracas que vendiam comidas e bebidas. Variados brinquedos e jogos eram montados para a diversão de adultos e crianças: pau-de-sebo, quebra-pote, roletas. O jogo da preá era o preferido de Sr. Zé de Candu. Havia ainda muito forró e as tradicionais apresentações da Marujada, da Burrinha e do Bumba-Meu-Boi. Como recorda o Sr. José Vieira,

A festa era uma tradição tão grande que o povo enlouquecia tudo [...] Só se via gente viajar pra Salvador pra buscar gelo [...] Chegava aqui na estação de trem tirava as “barrica”, os bujão de gelo pra poder gelar a cerveja e refrigerante pra vender na festa.²⁹

Considerada uma festa tradicional, frequentada por moradores locais, de cidades vizinhas e até de Salvador, a Festa de São Benedito mobilizava uma grande quantidade de pessoas que, além da diversão, buscavam ganhar algum dinheiro. Eram os vendedores ambulantes. Alguns viajavam para a capital em busca do gelo, que chegava de trem e era transportado dentro de bujões de plástico com pó-de-serra, para manter a conservação por até três dias e garantir a cerveja e o refrigerante gelados para serem vendidos na festa, quando ainda não se podia dispor da energia elétrica.

O dia 09 de abril de 1950 não seria como outro qualquer para os moradores do arrabalde de São Benedito. Naquele domingo, de tarde alegre e céu azul, às 16 horas, a comunidade local homenageava o então prefeito Antonio Fraga pela ampliação da rede de iluminação pública até o largo.³⁰ A partir daquele dia, a Praça de São Benedito seria mais um lugar de encontros e bate-papos à noite e já não era mais necessário ir tão longe para se adquirir bebidas geladas.

Nas homenagens ao padroeiro Santo Antonio e ao Senhor do Bonfim, as procissões percorriam as ruas, ornamentadas apropriadamente para essas ocasiões com flores, plantas nas portas das casas e luzes coloridas. Ruas iluminadas significavam noites mais longas, pois o lazer podia estender-se até mais tarde.

Nas tradicionais micaretas,

as Quatro Esquinas, que é sempre o ponto central nas festas desse gênero, exibia seleta e numerosa assistência, com extraordinário serviço de alto-falante, dando banhos de trovoadas nos ouvidos de todo mundo.(...)

O Largo da 2 de Julho e da Felix Gaspar, como arco-íris noturno, apresentava extensa e magnífica rede de lâmpadas

multicores, como incentivo aos bailes que se prolongaram até a madrugada.³¹

A iluminação utilizada nas festas era um convite aos moradores para permanecerem na rua até mais tarde. Além das “lâmpadas multicores”, a eletricidade estava presente nos serviços de alto-falante tocando discos e na oferta de serviço de “gelados”. Essas novidades seduziam muitas pessoas. As lembranças desses eventos e o referencial das “Quatro Esquinas”, como principal lugar das festas, da animação e do comércio, estão também registrados na memória de Sr. Eco, que abriu uma alfaiataria ali próximo, em 1953. Ele recorda que nesse período “tinha cada micareta danada”, que no local “era tudo casa de morada, mas depois foi modificando, aí transformou tudo em comércio”.³²

As tradicionais festas ganharam novos elementos com a ampliação do serviço de energia elétrica na cidade. Tornaram-se também constantes as investidas para manter as ruas limpas e higienizadas. A iluminação além de ter permitido maior exposição das ruas, o que contribuiu para acentuarem-se os cuidados com a sua aparência, ampliou a frequência e a permanência de pessoas nelas, pressionando para a efetivação dos melhoramentos.

Nos anos 1960, o Código de Posturas Municipais estabeleceu regulamentos que deviam ser seguidos na organização dos logradouros públicos, como nivelamento, alinhamentos, nomenclatura, numeração, arborização, ajardinamento, colocação de anúncios, ocupação do espaço, circulação urbana, entre outros. Ainda que se possa afirmar que grande parte das medidas era “bem-intencionada e buscava beneficiar a população”, são notáveis as intenções normativas de controle social do espaço público pelo poder municipal.³³ Além disso, como afirmou Marins ao analisar os primeiros anos da República na cidade do Rio de Janeiro, na cidade de Santo Antonio de Jesus também se buscou “estabelecer a caracterização dos espaços de abrangência pública, reservada à circulação e lazer controlado,” ao tentar limitar “todos os sujeitos a uma mesma gramática de comportamento”.³⁴ Entre 1964 e 1966, na documentação utilizada, observam-se muitas solicitações de licença, alinhamento e aprovação de planta para construção de casas, além de metragens de meios-fios para a construção de passeios de propriedades particulares. Tais solicitações eram feitas ao chefe de fiscalização, encarregado de levar ao conhecimento do prefeito, informações diárias sobre a cidade. Para tanto, todos os dias, o chefe escalava um fiscal que devia percorrer as ruas da cidade e anotar as necessidades, bem como fiscalizar construções e exigir licença.³⁵

Morar na cidade significava, também, submeter-se ao cumprimento de normas e, em caso contrário, ao pagamento de multas à administração municipal. Nesse sentido, Sr. Adelino Assis, de 85 anos de idade, nascido no município de Conceição do Almeida, recorda o dia em que foi atravessar pelo meio do jardim novo, construído na Praça Padre Mateus, empurrando o carrinho no qual vendia mercadorias de porta em porta, quando um fiscal municipal o abordou para informa-lo que era proibido passar por ali. Para evitar a punição prevista em lei, ele, muito respeitosamente, respondeu que prometia não passar mais por ali, mas que “voltar, não ia não”.³⁶ O Sr Adelino seria enquadrado no artigo 121 do Código de Posturas, o qual determinava que os vendedores ambulantes, mercadores e carregadores não podiam transitar pelos passeios, ou neles estacionar, a não ser o tempo necessário para servir aos consumidores. Entretanto, pelo menos naquele momento, a sua palavra empenhada foi suficiente para convencer o fiscal a deixá-lo passar sem recorrer à aplicação da multa.

A disposição de padronizar os comportamentos no espaço urbano por parte do poder instituído em Santo Antonio de Jesus, não destoia muito do conjunto de iniciativas empenhadas pelos órgãos públicos em Salvador e em várias outras cidades do mundo, intentando “criar dispositivos mais eficientes de controle da multidão de homens pobres e trabalhadores, de modo a normatizar a vida urbana”.³⁷ Mas, a pretensão de criar espaços homogêneos, com regras definidoras do uso dos espaços urbanos, podia ser posta em xeque por possíveis transgressões de seus moradores, ao inscreverem através de suas práticas outros rumos para a cidade. Assim, segundo especificidades locais, algumas vivências, experimentadas nas casas, nas ruas ou em outros espaços de lazer, estavam impregnadas de intenções de padronização, entretanto, os sentidos e significados atribuídos pelos diversos sujeitos, nesse processo, nem sempre se direcionaram a esse fim e muitas vezes provocaram deslocamentos do modelo totalizador de cidade planejada. Por outro lado, percebe-se a extensão da iluminação como uma medida de grande aprovação pelos moradores, que se apropriaram das ruas durante a noite intensificando a sua função primordial de espaço de encontros.

Em 1962, quando a energia fornecida pela COELBA efetivou-se no município, o número de consumidores cresceu de forma substancial atingindo 4.074 domicílios. Foi a partir daí que os eletrodomésticos passaram a fazer parte efetivamente da casa do santo-antoniense, como relata D. Conça:

Em 1964 compramos uma televisão, eu já era casada. Era uma festa, os vizinhos iam assistir, já havia até lugares reservados. Dia de domingo ia assistir, eu acho que era Sílvio Santos.

Quando ainda não tinha energia elétrica, não se tinha geladeira, fritava as carnes para não perder e não se podia comprar muita coisa.

Com a energia elétrica, se comprava mais coisas, fazia mais merenda gelada, os hábitos mudaram e todo mundo dia de domingo já sabia o que ia fazer – assistir televisão.

Os carnavais, todos queriam assistir.

Antes da televisão, tinha o rádio para ouvir a Hora do Brasil.³⁸

A fraca iluminação, com horário reduzido de funcionamento, que nas décadas anteriores chegou às residências de alguns moradores da cidade, sobretudo daqueles que residiam em torno da Praça Padre Mateus, cedeu lugar para uma nova eletricidade, que alteraria sobremaneira valores e costumes.

Embora a energia não tenha atingido imediatamente os mais de 15.000 moradores que viviam na cidade, a partir de 1962 as pessoas passaram a ter mais segurança quanto à regularidade do serviço nas suas casas e intensificaram a aquisição de eletrodomésticos, que, aos poucos, também se tornaram mais acessíveis. Foi quando D. Conça comprou a televisão e aos domingos sua casa transformava-se num lugar de encontro e festa entre vizinhos, até com “lugares reservados”. O rádio de pilha, que até então ganhava toda atenção da família, para ouvir *A Hora do Brasil*, começou a ceder espaço para as imagens sedutoras que a televisão trazia das novelas, dos carnavais que “todos queriam assistir”. Além disso, em casa, já era possível ler, costurar, bordar à noite, sem queimar os cabelos nas chamas do fife ou candeeiro.

A energia elétrica aqueceu não apenas o mercado de eletrodomésticos como também de alimentos em geral e os hábitos domésticos começavam a mudar. Se antes

não era possível comprar muita carne para não arriscar a perda do produto, com a geladeira, podia-se adquirir o alimento em maior quantidade e conservá-lo pelo tempo que fosse necessário. Na casa de D. Conça passou-se a fazer “merenda gelada” e já era possível, nos encontros dominicais, oferecer aos vizinhos telespectadores sucos gelados, sorvetes, geladinhos e abafabancas - espécie de picolé ou sorvete feito em casa que tinha como forma a cuba para fazer gelo. Com a energia elétrica e a geladeira, em algumas casas, já era possível beber água gelada, portanto, as moringas e talhas,³⁹ utilizadas para manter a água fresca, aos poucos foram sendo abandonadas nas dispensas.

Entre as opções de lazer, intensificadas, sobretudo, a partir da energia elétrica, festas, futebol, cinema, parques, circos, passeios de recreio, destacaram-se através da oralidade e da imprensa, como atividades que intercalavam os dias de trabalho do santoantonienense. Enquanto as ruas se tornavam frequentes locais de encontros e festas, a casa tornava-se mais confortável, constituindo-se mais um espaço de lazer, onde se reuniam amigos, parentes e vizinhos para festas, ouvir música ou assistir televisão.

À guisa de conclusão

O processo de urbanização/modernização influenciou de forma indubitável a vida dos habitantes da cidade de Santo Antonio de Jesus, alterando costumes e tradições, ideias e comportamentos enraizados nas experiências cotidianas. No cotidiano das pessoas entrelaçaram os elementos ligados aos viveres rurais com as novidades que anunciavam a inserção da urbe nos trilhos do progresso e da modernidade. Assim, “a cidade cresceu; chegou mais gente; fizeram casas, nasceram ruas, fizeram ruas e bairros”.⁴⁰

As possíveis leituras aqui apresentadas ancoraram-se na materialidade do espaço urbano, extraída de histórias produzidas nos discursos de categorias diversas de moradores da cidade de Santo Antonio de Jesus. Sem dúvida, o processo de modernização ali constituído articula-se ao surgimento e a expansão da eletricidade, contexto em que os moradores experimentaram, vivenciaram e consumiram as inovações, atribuindo-lhes distintos significados e reconfigurando cotidianamente as práticas sociais.

Notas

- 1 SANTOS, Milton. “A Rede Urbana do Recôncavo”. In: BRANDÃO, M. de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALB; UFBA, 1998, pp. 63-65.
- 2 Idem.
- 3 COSTA PINTO, L. A. “Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana”. In: BRANDÃO, M. de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALB; UFBA, 1998.
- 4 SOUZA, Edinaldo A. O.. *Lei e Costume: Experiências de Trabalhadores na Justiça do Trabalho (Recôncavo Sul, Bahia, 1940-1960)*. Dissertação de Mestrado em História UFBA, Salvador, 2008, p.45.
- 5 Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 2 de julho de 1958. Rio de Janeiro, XXI volume.
- 6 “A Estrada de Ferro Central da Bahia partia da borda do Recôncavo desde Cachoeira e São Félix, para o interior da província, em direção à Feira de Santana e à Chapada Diamantina. Seu traçado obedeceu à lógica locacional de conectar o interior da província da Bahia, através dos portos fluviais do Recôncavo, com a capital, Salvador. A estrada de ferro deveria se apoiar na rede das estradas gerais e caminhos de tropa do sertão”. ZORZO, F. A. *O Movimento de Tráfego da Estrada de Ferro Central da Bahia e seu Impacto Comercial*. Sitientibus, v. 1, p. 63-79, 2002.
- 7 ALVES, Isaiás de Almeida. *Matas do Sertão de Baixo*. Bahia: Reper, 1967, pp. 171 e 233.
- 8 MATTOSO, Kátia de Queiroz. “Prefácio”. In: BRANDÃO, M. de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALB; UFBA, 1998, p. 18.
- 9 HARVEY David, *Condição pós-moderna*. Edições Loyola, São Paulo, 1992, p 26.
- 10 BERMAN Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p 15.
- 11 Em síntese, o “enigma baiano” consistia na não industrialização da Bahia, ou melhor, no porquê dessa não industrialização. ALBAN, Marcus. *O novo enigma baiano, a questão urbana-regional e a alternativa de uma nova capital*. Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR, Salvador, maio de 2005.
- 12 CENTRO DE MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. *A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)*. Rio de Janeiro, 2001, p 12.
- 13 TEIXEIRA, Cid. *História da energia elétrica*. Publicações e Publicidade, 2005, pp.68 e 187.
- 14 NASCIMENTO, Luiz Fernando Motta, *Paulo Afonso: luz e força movendo o nordeste*, Salvador: EGBA/ACHÉ, 1998, p. 215.

15 A COELBA foi criada a partir da Lei Estadual número 1196, de 1959. *Diário Oficial do Estado da Bahia* - 6 de agosto de 1960.

16 Dados do Censo de 1950. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro XXI volume.

17 Ver *O Palladio*: O caso da Luz, 03 de fev de 1949; A Luz – nova era de progresso, 21 de março de 1949; Homenagem a Antonio Fraga , 14 de abril de 1950. Ver ainda Decreto nº 6 de 22 de abril de 1958. Livro de Leis, Decretos e Portais de 1956- 1963. Arquivo Público Municipal de Santo Antonio de Jesus.

18 “O caso da luz”. *O Palladio*, Santo Antonio de Jesus, 3 de fevereiro de 1949.

19 “A luz – Nova era de progresso”. *O Palladio*, Ano 48, Santo Antonio de Jesus, 21 de março de 1949.

20 Decreto nº. 8 de 30 de março de 1960. Arquivo Público de SAJ. Livro de Leis, Decretos e Portarias da Prefeitura Municipal de Santo Antonio de Jesus.

21 Dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1960.

22 Depoimento do Sr. José Souza Sampaio, (Zé de Candu), em junho de 2007, 62 anos de idade, morador da cidade desde 1946.

23 CENTRO DE MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. *A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)*. Rio de janeiro, 2001, p 127.

24 RONCAYOLO, Marcel. *Transfigurações noturnas da cidade: o império das luzes artificiais*. In: Projeto História.Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC- SP. São Paulo, nº 18, Educ, 1999, p 97-101.

25 HARVEY D..*Condição Pós-moderna*, Edições Loyola, São Paulo, 1992, p 189.

26 Depoimento do Sr. José Souza Sampaio (Zé de Candu).

27 “Grande comício”. *O Detetive*. Santo Antonio de Jesus, 30 de julho de 1950.

28 “Uma sugestão”. *O Palladio*. Santo Antonio de Jesus, 29 de setembro de 1948.

29 Depoimento de José Santos Vieira, de 67 anos idade, em maio de 2007, nascido em Santo Antonio de Jesus.

30 “A Festa de domingo”. *O Detetive*, Santo Antonio de Jesus, 16 de abril de 1950.

31 “A Mi-Careta se apresentou como pode”. *O Detetive*, Santo Antonio de Jesus, 23 de abril de 1950.

32 Depoimento do Sr. Antonio Santana Vieira, em 2 de novembro de 2007, 78 anos de idade, morador da cidade desde que nasceu.

33 Analisando a fase inicial de consolidação da República na cidade do Rio de Janeiro, Carvalho observou que o Código de Posturas de 1890, bem como as reformas implementadas no período, regulavam em pormenores várias atividades cotidianas e revelava fortes preocupações com o controle da população. CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo. Cia das Letras, 1987, p 35-36.

34 MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e Vizinhança: limites da privacidade no surgimento as metrópoles brasileiras*. In: Nicolau Sevcenko (org.) Fernando A. Novaes (coord): *História da vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p 136.

35 Livro de Leis, Decretos e Portarias de 1963. Portaria nº 6/63, de 9 de abril de 1963. Arquivo Público Municipal de Santo Antonio de Jesus.

36 Depoimento do Sr. Adelino Silvério de Assis, em 7 de setembro de 2008, 85 anos de idade.

37 JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna*. BH *Horizontes Históricos*, Eliana F. Dutra (org), BH, C/Arte, 1996 p.55 apud FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. "Fazendo fita": cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA, 2000.

38 Depoimento de D. Maria da Conceição Souza Silva, em dezembro de 2007, de 66 anos de idade, moradora da cidade desde 1944.

39 Recipientes feitos de cerâmica usados para guardar e manter a água fresca.

40 Trecho do discurso do então Ursicino Pinto de Queiroz extraído de *O Padroeiro*, folhetim anual da Festa de Santo Antonio, junho de 1969.

Bibliografia

ALVES, Isaias de Almeida. *Matas do Sertão de Baixo*. Bahia: Reper, 1967.

ALBAN, Marcus. “O novo enigma baiano, a questão urbana-regional e a alternativa de uma nova capital”. Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR, Salvador, maio de 2005.

BERMAN Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo. Cia das Letras, 1987.

CENTRO DE MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. *A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)*. Rio de Janeiro, 2001.

COSTA PINTO, L. A. "Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana". In: BRANDÃO, M. de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALB; UFBA, 1998.

HARVEY David, *Condição pós-moderna*. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

JULIÃO, Leticia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna. BH Horizontes Históricos*, Eliana F. Dutra (org), BH, C/Arte, 1996 p.55 apud FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. "Fazendo fita": cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA, 2000.

MARINS, Paulo César Garcez. "*Habitação e Vizinhança: limites da privacidade no surgimento as metrópoles brasileiras*". In: Nicolau Sevcenko (org.) Fernando A. Novaes (coord): *História da vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MATTOSO, Kátia de Queiroz. "Prefácio". In: BRANDÃO, M. de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALB; UFBA, 1998.

NASCIMENTO, Luiz Fernando Motta, *Paulo Afonso: luz e força movendo o Nordeste*, Salvador: EGBA/ACHÉ, 1998.

RONCAYOLO, Marcel. "Transfigurações noturnas da cidade: o império das luzes artificiais". In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC- SP. São Paulo, nº 18, Educ, 1999.

SANTOS, Milton. "A Rede Urbana do Recôncavo". In: BRANDÃO, M. de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALB; UFBA, 1998.

SOUZA, Edinaldo A. O. *A Lei e Costume: Experiências de Trabalhadores na Justiça do Trabalho (Recôncavo Sul, Bahia, 1940-1960)*. Dissertação de Mestrado em História UFBA, Salvador, 2008.

TEIXEIRA, Cid. *História da energia elétrica*. Publicações e Publicidade, 2005.

ZORZO, F. A. "O Movimento de Tráfego da Estrada de Ferro Central da Bahia e seu Impacto Comercial". *Revista Sitientibus*, v. 1, p. 63-69, 2002.